



A UNIDADE AO BINÁRIO

DE LA UNIDAD AL BINARIO

A continuación de la versión original en portugués, traducción al castellano utilizando el Traductor de Google

por el Ir.º **Francisco Cezar de Luca Pucci.**
Brasil

Não ferimos nenhum princípio ético ao tratar publicamente de um tema que, sendo objeto de estudo na Arte Real, tem sido tratado por místicos e gnósticos de todos os séculos. A questão dos números UM, DOIS e TRÊS é verdadeiramente misteriosa. Símbolos magníficos de uma doutrina, esses números encerram uma reflexão que atravessa as épocas e se desdobra em milhares de páginas. Eu sou um daqueles tantos que circulam em torno desses números, tentando sempre incorporar (*in corpore*, sentir no corpo, trazer para os sentidos) mais pelo aprofundamento da reflexão sobre os mesmos, numa espiral ascendente que já vai se tornando verdadeira mandala. Por isso, neste texto busco apenas acrescentar um pouco mais às minhas percepções.

Tomando o que está escrito de forma literal (nas letras, nas linhas, no texto), sabemos (sic) que o UM se torna DOIS e se completa no TRÊS. Posto assim, na forma mais simples possível. Mas se isso nos *fala* sobre uma pretensa verdade, não a *explica*. Num dado momento podemos nos satisfazer com o "o que"; em algum outro desejaremos responder ao "por que".

A UNIDADE é, aparentemente, o conceito de mais fácil compreensão. O "todo" é "tudo", é "UM", é o sistema mais inclusivo. Trata-se de um truísmo, menos pela verdade que encerra e mais por ser um conceito adequado aos nossos paradigmas de raciocínio.

O "aparentemente" do parágrafo anterior não é mero reforço de linguagem. Aqui já começamos a tratar com a realidade do binário. A evolução do ser humano se dá no sentido da unidade para a alteridade, comprovando o princípio hermético de que "como é em cima é em baixo". A criança, em seus primeiros anos, não se distingue da totalidade. Em sua percepção, ela é o mundo e o mundo é ela. Ela É a Unidade. A linha evolutiva se dá no sentido de ir progressivamente se percebendo como um outro. E percebendo ao mundo como um outro. Instala-se a alteridade. Essa divisão se deu de forma tão profunda que, em nossa cultura urbana e tecnológica, mal conseguimos sentir que somos parte da natureza circundante. Sol, chuva, flora, fauna, são "coisas" fora de nós; "objetos" que manipulamos, exploramos e espoliamos. Com a mercantilização, pior ainda, além de "objetos" os entes naturais passam a ser "mercadorias", passíveis de valor monetário, seres que podem ser alugados, alienados,

vendidos e comprados. As conseqüências materiais e éticas desse descompromisso com os outros seres da natureza estão sendo dolorosamente sentidas em nossa época. A crucificação do Espírito na Matéria é tão profunda, que até a memória do Éden já se desfaz.

Mas esse movimento é *necessário*. O UM, sendo tudo, é incapaz de experienciar a si mesmo. É como a criança que, sendo incapaz de diferenciar-se, é também incapaz de sentir suas experiências como sendo *suas*. É um movimento necessário à constituição da Consciência. Como disse Mestre Eckhart - o grande místico cristão: Deus é tão necessário ao homem quanto o homem a Deus.

A alteridade não é um movimento "físico", no sentido de que algo material muda sua posição no espaço ou vem a separar-se de outro algo. É um salto qualitativo que se dá pelo acúmulo das sensações que vão sendo vividas. É a quantidade que, ao mover-se, transforma-se qualitativamente. Por outro lado (ah! Esse terrível número 2!) é físico, no sentido de que é um movimento na essência (na "massa") da Unidade. Mental, Físico e Espiritual são qualidades que atribuímos à mesma "matéria" que, em essência, constitui todas as coisas. Esse o mistério das trindades: são aspectos qualitativamente diferentes da mesma essência. Esse movimento é a contradição fundamental, aquela que contém e, portanto, explica a natureza contraditória da realidade. É a vingança de Heráclito sobre Parmênides¹.

Um dos efeitos mais dolorosos para o ser humano dessa diferenciação, é o sentimento de incompletude. Ao desenvolvermos o sentimento de alteridade (de individualização), também nos sentimos, *necessariamente*, separados do Todo. Em nossa consciência cria-se um cenário onde se estabelecem diferentes territórios: a terra *x* o paraíso; a alma *x* o corpo; o espírito *x* a matéria; a vida *x* a morte. Por isso em nossa mente se criam as imagens de "volta" ao paraíso, de "queda" na matéria, de seres "perdidos" e "salvos". Tudo efetivamente ilusão, embora o sentimento seja muito real. Sentimos uma *falta* de algo que nos complete. É como uma saudade sem objeto consciente. Eis, a meu ver, a dupla - e contraditória - pulsão que Freud identificou no ser humano: de vida (permanência) e de morte (retorno).

Como contra-face disso, nos tem sido tão difícil (para não falar impossível) entender as palavras de Jesus de que o reino dos céus *já está* entre nós e *não sabemos* vê-lo. Na verdade, *não podemos* vê-lo, a menos que recuperemos a consciência da Unidade a que pertencemos e da qual, em realidade, nunca nos "separamos". As Iniciações pretendem nos colocar no rumo dessa consciência, mostrar-nos o "orientado" e fornecer-nos os instrumentos para a viagem. O mais depende de cada um. Não há Iniciado, mas iniciando. É um longo processo.

Pela mesma razão a Unidade, o Princípio, Deus, seja lá o nome que dermos à única Realidade que sempre existiu, nos parece distante, ausente e, muitas vezes, até inexistente. É próprio da consciência que passou pelo processo de alteridade. Tornamo-nos Outro e o único Outro que conseguimos sentir como existente.

Mas a Unidade não pode fracionar-se sem deixar de ser a Unidade. Retornemos a nós mesmos para verificar o princípio hermético da analogia. Quando reflito sobre eu mesmo e sobre minhas experiências, o faço como que num espelho, pois não deixo de ser essa unidade a que chamo EU. Não há uma cisão real, senão virtual. Refletir, especular, são conceitos que se referem a espelho, a espelhar. Seguindo essa linha de nosso raciocínio, temos que o UM, *ao refletir sobre si mesmo*, cria a dualidade, na qual uma "parte" é a alteridade, o outro, a "criação", seu "objeto"; e na qual outra "parte" é o Si mesmo, sua consciência, seu "sujeito". Em certo sentido, uma "parte" é seu Filho e "outra" seu Espírito, se quisermos assim conceituar as instâncias desse movimento. Mas Tudo está em Tudo, pois na *essência* nada se modificou. É a *Imobilidade do Movimento* que reside no Absoluto. Aos movimentos de *expansão* e *retorno* desse processo eterno de criação-destruição, diz-nos o hinduísmo,

¹ Remeto ao artigo: Dialética Complexa, enviado anteriormente e que, se você quiser, pode solicitar pelo e-mail f.pucci@terra.com.br.

correspondem a *expiração* e a *inspiração* de Deus - esse Princípio incognoscível. As conseqüências filosóficas e teológicas desse raciocínio dariam - e deram - para escrever vários livros.

A filogênese repete a ontogênese - para continuarmos verificando a exatidão do princípio hermético. Assim como os indivíduos evoluem da consciência difusa, identificada com o todo, uni-ficada, para a consciência individualizada, identificada com a parte, ego-centrada, também acontece com os organismos sociais. Os grupos *orgânicos* - tribos e clãs - só podem existir na unidade. Como *orgânicos* estou me referindo aos grupos mais primitivos² socialmente. Neles, a consciência do "nós" é superior à consciência do "eu", e o sentimento do "nós" supera o sentimento "egoísta". Nesse tipo coletivo, as regras, códigos e tradições são imensamente superiores ao indivíduo, e as relações entre estes não são mediatizadas. Não há sequer possibilidade de imaginar-se "fora" do grupo, pois não há um "fora" e um "dentro" em relação ao grupo.

Já os grupos *organizados* - igrejas, empresas, instituições, Estados - precisam exteriorizar-se para se constituir e se manter. É uma conseqüência *necessária* da evolução e resultado da crescente complexidade. A evolução vai do simples ao complexo. Neles, a identidade, não se baseando em relações diretas, necessita constituir-se fora. A consciência desses grupos fica *objetivada* (fixa-se num objeto) num rei, chefe, líder político, presidente, enfim em alguém ou algo (um ídolo) que o *represente*. Não é o sujeito enquanto indivíduo ou pessoa que possui o poder, mas o status, o cargo, a função que encarnam "totemicamente" o "espírito" do grupo. Por isso a necessidade de símbolos - roupas, coroas, faixas, togas - para travestir o indivíduo no exercício daquela função. Esse processo é tão forte que Émile Durkheim³, um dos pais da Sociologia, tornou clássica a interpretação de que as divindades nada mais eram do que o "espírito da sociedade" projetado numa imagem - material ou ideacional.

O rabino Yehuda Berg⁴ nos diz que segundo a tradição cabalística Deus fez a criação e manteve-se no cuidado das criaturas. Num dado momento desse processo, o ser humano disse "não" a esses cuidados e decidiu construir sua própria existência. Esse momento de "queda", longe de ser negativo foi um sinal positivo na evolução humana. Mas com o "não" do ser humano, Deus "retirou-se" e deu-nos espaço para experimentarmos nossas próprias forças. A princípio veio o medo e a sensação de abandono, talvez semelhante àqueles que sentimos quando nossos pais começam a "tirar a mão debaixo". Pusemo-nos a implorar a ajuda divina e o retorno da Luz. Nossa dependência absoluta, quando interrompida, gerou uma espécie de síndrome de abstinência. Pouco a pouco fomos criando confiança em nós e fomos percebendo que portamos a Luz por nós mesmos. A dependência vai diminuindo e nossa relação com Deus vai se modificando. É o amadurecimento.

Também nossa relação com o Outro nesse processo varia segundo o estágio de nosso desenvolvimento, pessoal e coletivo. Assim como nas relações sociais podemos nos comportar de forma dependente, seja em relação aos pais, seja em relação aos superiores hierárquicos, também nas relações com Deus podemos nos colocar como crianças abandonadas e carentes. Como o movimento do universo é do simples para o complexo, do baixamente ao altamente organizado, também as relações evoluem no sentido da dependência para a independência⁵.

² Como afirmou Jung, primitivo não se refere, neste contexto, a inferior. Também não se refere a algo que se extingue na evolução, pois que o primitivo permanece em nosso inconsciente individual e coletivo.

³ FORMAS ELEMENTARES DA VIDA RELIGIOSA. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁴ O PODER DA CABALA. São Paulo: IMAGO, 2001.

⁵ Tecnicamente falando, as relações evoluem de dependência a independência e a co-dependência. Mas essa classificação não é importante para os objetivos deste artigo.

A lógica formal não poderia dar conta dessa compreensão. Impregnados pela linearidade dessa lógica, pensamos "naturalmente" num Tempo linear, que *caminha* do passado ao futuro. Também "naturalmente" pensamos na criação como um processo linear onde Deus "ficou" na origem de tudo; "depois" veio a criação e "no futuro" haverá um acerto de contas no Juízo Final. Esse modelo mental de leitura da realidade nos aprisiona em mistérios sem explicação. Se a realidade é dual, dialógica e dialética, só um modelo adequado a essa realidade poderá compreendê-la.

Quando pensamos, por exemplo, nos pólos opostos como contrários e dissociados, ficamos aprisionados num modelo maniqueísta de ética que tem sido responsável por grande parte dos males deste mundo. Se pensarmos o mal e o bem como qualidades excludentes, quem "encarna" o mal tem que ser eliminado, ou o mal não o será. Esse o princípio mais fundamental da guerra, da violência, da pena de morte, da limpeza étnica, dos fundamentalismos e dos preconceitos. O mal *é* o Outro. Ao menos *está* no Outro.

Reflitamos, agora, dentro do paradigma que foi acima sendo construído. Se a divisão é apenas um reflexo da Unidade, uma necessidade do movimento da Consciência Absoluta, as oposições são aparentes e os opostos constituem uma única e mesma realidade. Mas isso tem alguma utilidade prática? Claro que sim! Se bem e mal são relativos, tanto um em relação ao outro quanto ambos em relação à minha consciência (onde a dualidade se resolve ao transcender-se, mas sem eliminar-se⁶), então não vemos mais o bem e o mal como qualidades do Eu *ou* do Outro, mas como qualidades *tanto* do Eu *quanto* do Outro. Sem essa maneira de compreender a realidade, as relações de fraternidade se tornam impossíveis e o jogo de nossas relações interesseiras (onde o outro é sempre um objeto) nunca se encerrará.

Mal é o nome que dou à parcela de Bem que ainda nos falta, nas *ações*, nos *pensamentos* ou nos *sentimentos* - os três níveis de definição do humano. Bem é a parcela de Mal que já transcendemos nas ações, pensamentos ou sentimentos.

Outro exemplo dessa relação dialética: falamos tanto na violência. Que é a violência? Se falarmos da violência humana, será ela diferente - em estrutura e sentimentos - ao ato de arrancar uma rosa da planta, de pisar numa formiga, de matar uma mosca a pancadas? Para a maioria de nós *é*, principalmente por duas razões: uma, porque certas coisas são inevitáveis ou necessárias (como pisar formigas ou matar pernilongos). Outra, porque em nosso modelo mental o inferior subordina-se ao superior (o bem do homem está acima do bem das outras espécies). Ambos os raciocínios derivam de uma visão de realidade cindida, que pensa o Nós e o Outro, Homem e Natureza, como separados e contrários. Afinal, o Outro está aí para ser usado. Quando não apenas para chatear minha existência. A concepção budista, mais sistêmica que a nossa, vê de outro modo. Para eles, pisar formigas é inevitável, tão inevitável quanto morrerem os humanos. Mas nós, não budistas, não pensamos também assim? Creio que não! Ao menos não nos revoltamos tanto com a extinção dos macacos pregos quanto com a morte de uma criança no trânsito. Talvez não possamos nos revoltar da mesma maneira, mas podemos "compreender" com o mesmo espírito de inevitabilidade do processo. A morte de um ser humano se enquadra na mesma lógica da subordinação de interesses menores (o Ego) aos interesses maiores (o Cósmico). Raciocínio escandaloso? Não nos esqueçamos que os profetas foram, sempre, motivo de escândalo para suas épocas.



Este pequeno artigo tem algumas pretensões: desafiar um modelo de pensamento (paradigma cartesiano) que nos impede de conceber a realidade de um ponto de vista sistêmico, dinâmico e bem mais coerente com a realidade. Como consequência desse desafio,

⁶ Ver nota 1 neste artigo.

pretende também lançar o germe que permita o nascimento de uma nova ética, condutora de pensamentos, sentimentos e ações diferentes daqueles aos quais estamos tão habituados que já consideramos "naturais".

Não é muita pretensão? Sem dúvida, mas como acredito piamente que o movimento das asas de uma borboleta na Amazônia é parte dinâmica do mesmo movimento que produziu o Tsunami, me ponho também em movimento. Como li recentemente num bellissimo artigo: o homem foi criado para a dança e não a dança para o homem. Antiético não é movimentar-se (ou dançar) mal; é não movimentar-se.

Por que vou da Unidade ao Binário. Não é no Três, no ternário, nas trindades, que o movimento se resolve? Sim, mas como escrevo para mim mesmo (tanto quanto para o Outro) e minha maior dificuldade (que creio ser de muitos) está em quebrar minha própria visão cartesiana, é este mistério que pretendo circundar, tantas vezes quantas forem necessárias para que ele se des-vende e se re-vele para que eu o compreenda mais.

O Três é um outro movimento, para um outro momento.

UNIDAD A BINARIO

por el Q.: H.: Francisco Cezar Luca Pucci.
Brasil

Traducción al castellano utilizando el Traductor de Google

Que a pesar de sus múltiples limitaciones puede ayudar a los Hermanos de habla castellana a captar el sentido de este interesante planteamiento.

No hagas daño a cualquier principio ético cuando se trata de un asunto público que el objeto de estudio en el Arte Real, ha sido tratado por los gnósticos y los místicos de todas las edades. La cuestión de los números uno, dos y tres es verdaderamente misteriosa. Símbolos magníficos de una doctrina, estos números contienen una discusión que atraviesa la edad y se desarrolla en miles de páginas. Yo soy uno de los muchos que circulan en torno a estos números, siempre tratando de incorporar (in corpore, sentir el cuerpo, llevar a los sentidos) más de una reflexión más profunda sobre ellos, en una espiral ascendente que ya se hace realidad mandala. Por lo tanto, en este trabajo sólo buscan añadir un poco más a mis percepciones.

Tomando lo que está escrito, literalmente, (las letras, líneas, texto), sabemos que (sic) que se convierte en una completa en dos y tres. Esta manera, la forma más sencilla posible. Pero si se nos habla de un hecho supuesto, no lo explica. En cualquier momento podemos encontrarnos con el "qué" y en otro que se desea responder "por qué".

UNIDAD es al parecer el concepto más fácil de entender. El "todo" es "todo" es "A" es el sistema más inclusivo. Es una verdad de Perogrullo, menos la verdad que termina siendo un concepto y más adecuado a nuestros paradigmas de razonamiento.

El "aparentemente" en el párrafo anterior no es una mera mejora de la lengua. Aquí comenzamos a lidiar con la realidad de torsión. La evolución del ser humano le da el sentido de unidad a la alteridad, lo que demuestra el principio hermético: "Como es arriba es abajo". El niño, en sus primeros años, no es dife-

rente de todos. En su percepción, es el mundo y el mundo lo es. Ella es única. La línea evolutiva que da la sensación de ir poco a poco se perciben unos a otros. Y percibir el mundo como otro. Instala la alteridad. Esta división se hizo tan profundo que en nuestra cultura urbana y la tecnología, difícilmente podemos sentir que somos parte de la naturaleza que lo rodea. Sol, la lluvia, la flora, la fauna, son "cosas" allá afuera "objetos" de manipular, explorar y espoliamos. Con la comercialización, lo que es peor, y los "objetos" los seres naturales se convierten en "bienes" que podría significar un valor monetario, como seres que pueden ser alquilados, vendidos, comprados y vendidos. El material y las consecuencias éticas de la desconexión con los demás seres de la naturaleza se sintió dolorosamente en nuestro tiempo. La crucifixión del espíritu en la materia es tan profunda que incluso el recuerdo del Edén como los descartes.

Pero este movimiento es necesario. El A, todos los cuales es incapaz de experimentar mismo. Es como el niño que, al no poder diferenciarse, es también incapaz de sentir sus experiencias como la suya. Es una medida necesaria para la constitución de la conciencia. Como dijo el Maestro Eckhart - el gran Dios cristiano místico, es tan necesario al hombre como el hombre a Dios.

La alteridad no es un movimiento "físico" en el sentido de que algo material cambia su posición en el espacio o llegar a una parte con otra cosa. Es un salto cualitativo que se produce por la acumulación de sensaciones que se viven. Es la cantidad que, cuando se mueve, se convierte en cualitativo. Por otro lado (oh Este número terribles dos años!) Es físico en el sentido de que es en esencia un movimiento (la "masa") de la Unidad. Cualidades mentales, físicas y espirituales que se le atribuyen a la misma "materia" que, en esencia, es todas las cosas. Este misterio de la trinidad: son aspectos cualitativamente diferentes de la misma esencia. Este movimiento es una contradicción fundamental, que lo contiene y lo que explica la naturaleza contradictoria de la realidad. Es la venganza de Parménides sobre Heráclito.

Una de las más dolorosas para los seres humanos esta distinción, es el sentimiento de lo incompleto. Mediante el desarrollo de un sentido de la alteridad (individualización), que también se sienten necesariamente separado de la totalidad. En nuestra conciencia crea un escenario en el que se establece los diferentes territorios: el paraíso xo la tierra: el cuerpo del alma xo, el espíritu de campo xa, xa una muerte en vida. Así que en nuestra mente crear imágenes de "retorno" al paraíso, "caída" en la materia, de estar "perdida" y "salvos". Efectivamente ilusión, aunque el sentimiento es muy real. Sentimos la falta de algo que nos complete. Es como un deseo consciente sin un objeto. Aquí, en mi opinión, el doble - unidad que Freud identificó en los seres humanos - y contradictorias: la vida (duración) y la muerte (ida y vuelta).

Como contra cara de la misma, hemos sido tan difícil (por no decir imposible) de entender las palabras de Jesús que el reino de los cielos está sobre nosotros y no sabemos verlo. De hecho, no podemos ver, a menos que volvamos a recuperar la conciencia de la Unidad a la que pertenecemos y del que, en realidad, nunca "se rompió". Iniciaciones objetivo es ponernos en la dirección de la conciencia, que nos muestra el "este" y nos proporcionan las herramientas para el viaje. La mayoría depende de cada uno. De inicio No, pero a partir. Es un proceso largo. Por el principio de la razón misma unidad, Dios, cualquiera sea el nombre que le damos a la única realidad que ha existido siempre, parece lejano, ausente, ya

menudo inexistente. Es en la conciencia de que pasó por el proceso de la alteridad. Nos convertimos en uno y el otro puede sentirse diferente a la existente. Pero la unidad no se puede romper al tiempo que la Unidad. Volvamos a nosotros mismos para comprobar el principio hermético de la analogía. Cuando reflexiono sobre mí y sobre mis experiencias, lo hago en un espejo, no dejes que sea esta unidad a la que llamo. Hay una verdadera escisión, pero virtual. Reflexionar, especular, son conceptos que se refieren al espejo a espejo. Siguiendo esta línea de nuestro razonamiento, tenemos la ONE, para reflexionar sobre sí mismo, crea la dualidad, en la que una "parte" es la otredad, el otro, la "creación", su "objeto" y en el que otro " parte "es él mismo, su conciencia, su " tema ". En cierto sentido, una "parte" es su Hijo y el "otro" de su Espíritu, por lo que si queremos conceptualizar los casos de este movimiento. Pero todo está en todo, porque en esencia nada ha cambiado. Es la inmovilidad del movimiento radica en la absoluta. El movimiento de expansión y rentabilidad de este eterno proceso de creación y destrucción, el hinduismo nos dice, corresponden a la expiración y la inspiración de Dios - este principio incognoscible. Las consecuencias filosóficas y teológicas de este razonamiento sería - y tienen - para escribir varios libros.

La ontogenia repite la filogenia - para seguir comprobando la exactitud de el principio hermético. Así como los individuos desarrollan una conciencia difusa, identificado con el conjunto uni-ficado de la conciencia individual, identificado con la pieza, centrada en sí misma, por lo que con los organismos sociales. Los grupos orgánicos - tribus y clanes - sólo puede existir en la unidad. Como organic'm refiriéndose a la más primitiva socialmente. En ellos, la conciencia de "nosotros" es superior a la conciencia del "yo", y el sentimiento de "nosotros" superar la sensación de "egoísta". En este tipo de colectivos, reglamentos, códigos y tradiciones son muy superiores a la persona, y las relaciones entre ellos no están mediadas. No hay ni siquiera posible imaginar "fuera" del grupo, porque no hay "afuera" y un "adentro" en relación con el grupo.

Ya que los grupos organizados-iglesias, empresas, instituciones, estados, necesitan externalizar su ser y seguir siendo. Es una consecuencia necesaria de la evolución y resultado de la creciente complejidad. La evolución va de lo simple a lo complejo. En ellos, la identidad, no se basa en las relaciones directas, deben estar fuera. La conciencia de estos grupos se objetiva (en un objeto fijo) a un rey, el líder político en jefe, presidente, por fin alguien o algo (un ídolo) que le representa. No es el sujeto como un individuo o una persona que posee el poder, pero la situación, posición, función que encarnan "totemicamente" el "espíritu" del grupo. De ahí la necesidad de símbolos - ropa, coronas, estandartes, túnicas - para ocultar a la persona en el ejercicio de esa función. Este proceso es tan fuerte que Emile Durkheim, uno de los padres de la sociología, tiene una interpretación clásica de que los dioses no eran más que el "espíritu de la empresa", diseñado de una imagen - material o ideológico.

El rabino Yehuda Berg nos dice que según la tradición cabalística, Dios hizo la creación y se mantuvo en el cuidado de las criaturas. En un momento en este proceso, el ser humano le dice "no" a esa atención y decidió construir su propia existencia. Este momento de "caída" lejos de ser negativo fue una señal positiva en la evolución humana. Sin embargo, con el "no" Dios humano "se retiró", y nos dio el espacio para experimentar nuestras propias fuerzas. Al principio fue el miedo y la sensación de abandono, tal vez similares a los que sentimos cuando

nuestros padres empiezan a "tomar su mano por debajo." Nos pusimos en marcha para implorar la ayuda divina y el retorno de la Luz Nuestra dependencia absoluta, cuando se interrumpe, genera una especie de síndrome de abstinencia. Poco a poco fuimos creando confianza en nosotros y nos dimos cuenta de que la luz nos comportamos. La dependencia está disminuyendo y nuestra relación con Dios está cambiando. Se está madurando.

También nuestra relación con el Otro en este proceso varía según la etapa de nuestro desarrollo personal y colectivo. Como las relaciones sociales se comportan en forma dependiente, ya sea en relación con los padres, ya sea en relación a los superiores, también en relación con Dios podemos poner como hijos necesitados y abandonados. A medida que el movimiento del universo es de lo simple a lo complejo, de humillación en conformidad al altamente organizado, también las relaciones evolucionan en la dirección de la dependencia a la independencia.

La lógica formal no puede dar cuenta de esta comprensión. Impregnado por la linealidad de esta lógica, "naturalmente" en un tiempo lineal, que va del pasado al futuro. También forma "natural" pensar en la creación como un proceso lineal en el que Dios "es" el origen de todo ", entonces", fue la creación y "el futuro" habrá un ajuste de cuentas en el Juicio Final. Este modelo mental de la lectura de las trampas de la realidad nos en los misterios inexplicables. Si la realidad es dialógica dual, y la dialéctica, sólo un modelo adecuado para que la realidad puede entenderlo.

Cuando pensamos, por ejemplo, en contraposición a los polos opuestos y separados, que quedaron atrapados en un modelo maniqueo de la ética que ha sido responsable de gran parte de los males de este mundo. Si pensamos en buenas y malas cualidades como mutuamente excluyentes, que "encarna" el mal debe ser eliminado, o el mal no lo será. Este principio el más fundamental de la guerra, la violencia, la pena de muerte, la limpieza étnica, el fundamentalismo y los prejuicios. El mal es el Otro. Por lo menos está en el Otro.

Reflexiona ahora, dentro del paradigma que se está construyendo. Si la división es sólo un reflejo de la unidad, lo que requiere el movimiento de una conciencia absoluta, y los argumentos son los opuestos aparentes son una y la misma realidad. Pero esto no tiene ningún uso práctico? ¡Por supuesto! Si bien y el mal son relativos, tanto en relación el uno al otro y ambos con respecto a mi conciencia (donde la dualidad se resuelve trascenderse a sí misma, pero no se eliminan), entonces ya no vemos las cualidades buenas y malas como el Sí mismo u otro, sino como cualidades de ambos, yo y el Otro. Sin esta forma de entender la realidad, las relaciones de fraternidad se convierte en juego imposible y egoísta de nuestras relaciones (donde el otro es siempre un objeto) nunca se cierran.

El mal es el nombre que doy a la parte del bien todavía nos falta, en las acciones, pensamientos o sentimientos, los tres niveles de definición de lo humano. Bueno, es la parte del mal que hemos trascendido las acciones, pensamientos o sentimientos.

Otro ejemplo de esta relación dialéctica: hablar con tanta violencia. ¿Qué es violencia? Si hablamos de la violencia humana, que será diferente - en la estructura y los sentimientos - el acto de arrancar una planta de rosa, pisar una hormiga, para matar una mosca a un shock? Para la mayoría de nosotros es principalmente por dos razones: una, porque ciertas cosas son inevitables o necesarias (como pisar las hormigas o matar a los mosquitos). Otra, porque en nuestro modelo

mental del subordinado inferior a lo superior (el bien del hombre está por encima del bien de otras especies). Ambos argumentos se derivan de una opinión divergente de la realidad, lo que creemos y el otro hombre y la naturaleza como algo separado y opuesto. Después de todo, el otro está allí para ser utilizado. Cuando no sólo para molestar a mi existencia. El punto de vista budista, más sistemático que el nuestro, ve de otra manera. Para ellos, pisando hormigas es inevitable, tan inevitable como los seres humanos mueren. Pero no budistas, ¿que además no lo crees? No lo creo! Por lo menos no en la repugnancia por la extinción de los monos y las uñas con la muerte de un niño en el tráfico. Tal vez no puede rebelarse de la misma manera, pero podemos "entender" en el espíritu de la inevitabilidad del proceso. La muerte de un ser humano cae en la misma lógica de la subordinación de los intereses de menores (el ego) a los intereses más amplios (lo cósmico). Escandalosa razonamiento? No hay que olvidar que los profetas eran siempre un escándalo para su época.

Este breve artículo tiene algunas pretensiones: un modelo difícil de pensamiento (el paradigma cartesiano) que nos impide concebir la realidad de un punto de vista sistémico, dinámico y mucho más coherente con la realidad. Como resultado de este reto, también planea introducir el germen, lo que permite el nacimiento de una nueva ética, el conductor de los pensamientos, sentimientos y acciones que no sean aquellos a los que estamos tan acostumbrados a considerar como "natural".

No es pretensión de cuánto? Sin duda, pero como creo firmemente que el movimiento de las alas de una mariposa en el Amazonas es una parte dinámica del mismo movimiento que produjo el tsunami, también puso en marcha. Como poco leí un artículo maravilloso: el hombre fue creado para el baile y no baila para el hombre. Ético no está en movimiento (o la danza) no está mal para moverse. ¿Por qué conducir el par. No en tres, en el orden del día, la trinidad, el movimiento de resolver? Sí, pero yo escribo para mí mismo (tanto como para el otro) y mi mayor dificultad (lo que muchos creen que es) es romper mi punto de vista cartesiano propia, es este misterio que quiero ir por ahí, tantas veces como sea necesario para que des-vender y volver a ver a mí a entender más.

El Tres es otro paso a otro tiempo.